

Resenha:

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos.** São Paulo: Editora Ática, 2009. 176 p.

## Itinerário da leitura

Michelle Mittelstedt Devides\*



Diante de inúmeras publicações que estão disponíveis sobre o tema Leitura, uma das mais recentes e significativas é a obra escrita por Marisa Lajolo e Regina Zilberman<sup>1</sup> – *Das tábuas da lei à tela do computador*. As escritoras possuem um arcabouço teórico imenso devido aos estudos realizados durante muitos anos sobre leitura, o que contribui para a publicação de uma obra singular.

A obra inédita, publicada neste em 2009, retrata alguns caminhos possíveis que a leitura percorre, desde os primeiros relatos escritos da humanidade até as práticas corriqueiras

decorrentes da oralidade, como os repentes nordestinos e simples conversas e trocas de mensagem no MSN ou no Orkut.

Composta por dez capítulos reúne importantes reflexões sobre incursões possíveis da leitura, na oralidade, na escrita, na escola, enfim, inerente à linguagem. O prefácio escrito por Carlos Vogt (Quem conta a ata a leitura desata) compara Lajolo e Zilberman a uma das personagens de Cortazar, como perseguidoras da essência evanescente; perseguem a leitura e o autor-leitor. Manifesta aqui o interesse e o trabalho árduo das autoras em busca de traçar novos caminhos, estabelecer discussões e reflexões que possam nortear e aprofundar estudos sobre o tema.

O primeiro capítulo intitulado “A arqueologia da leitura” propõe uma reflexão mais teórica retomando alguns aspectos importantes sobre a “arqueologia do saber”, baseando-se em M. Foucault. Tais aspectos destacam que a leitura e a informação atualmente estão em evidência, e há preocupação em relação a isso em diferentes esferas (política, educacional e acadêmica). Ao falarem de informação, constituem a ideias de troca de mensagem, comunicação e linguagem. Assim introduzem uma questão importante que é a pluralidade de línguas e as várias maneiras que a humanidade transmite informações, ou seja, a diversidade, tanto na escrita quanto na oralidade. A

<sup>1</sup> Marisa Lajolo, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, e Regina Zilberman, doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, são professoras universitárias, pesquisadoras reconhecidas nacional e internacionalmente e pioneiras nos estudos brasileiros que lidam com a história literária a partir de livros e leitura.

relação estabelecida entre a escrita, oralidade e leitura torna-se evidente na seguinte passagem “A modalidade oral está disseminada entre todos os grupos humanos, e é à imagem dela que a escrita procura construir-se e instituir-se. Na outra ponta, localiza-se a leitura, que enquanto recepção, é igualmente audição, de todo modo de interação entre sujeitos falantes.” (p.19)

Complementando essas ideias iniciais que serão discutidas, enfatizam que “a leitura intromete-se nos discursos da oralidade, recupera a vitalidade da escrita e concretiza o propósito da linguagem verbal e das demais linguagens, ao absorver e confirmar a informação.” (p.21)

Para as autoras, que retomam Foucault, os discursos se impõem a todos os indivíduos, “a leitura constitui um discurso que se revela em textos, em emblemas, em problemas, em tomadas de decisões, em políticas. Ela dispõe de antigas e novas tecnologias (...) Ela – a leitura – invade modos de comunicação públicos e privados (...) Manifesta-se em gêneros da oralidade e produtos impressos” (p.21). A leitura, portanto, possui um caráter discursivo.

Este capítulo foi escrito de forma esclarecedora e evidencia a importância da leitura para retomar tanto a oralidade quanto a escrita, articulou muito bem e de maneira mais profunda a ideia de que a linguagem, informação e leitura necessitam uma da outra.

Após uma reflexão mais teórica, inicia-se o itinerário com exemplos da relação já estabelecida pelas autoras. O capítulo 2 “Das entrelinhas do texto ao hipertexto on-line” preocupa-se com a noção do tempo, a leitura em tempo real, os fatores da transmissão e simultaneidade dos acontecimentos, como ocorrem atualmente com as

páginas na internet de um jornal on-line, por exemplo. Além disso, desde o surgimento da escrita às transformações que as práticas de leitura estão sujeitas pela ação de diversos fatores entre eles o tempo e a modificações dos suportes, enfatiza-se que “a leitura sempre dependeu do olhar de um leitor” (p.30). Neste capítulo é abordado um aspecto importante, de que a leitura não corre risco com a inserção da tecnologia e o computador não precisa ser visto como um antagonista, pois o acesso à rede virtual depende do domínio da leitura. No entanto, ao mudar para um novo suporte, alterações na escrita vão ocorrer, pois esta tenta acompanhar a fala, como no Orkut, por exemplo, o que as autoras chamam de um novo processo de diálogo.

É interessante apontar o que as autoras colocam em relação a essa transformação “a escrita, no meio digital, produziu seu próprio código, não transferível automaticamente para outros contextos, e que seus usuários – como políglotas usuários de diferentes linguagens – sabem bem distinguir entre os diferentes gêneros de escrita, aplicando cada um deles em conformidade com as situações práticas.” (p.34)

Nos capítulos 3 e 4, intitulados “A oralidade visita a escrita” e “Folheteiros, cordelistas, escritores, repentistas”, resgatam as manifestações da literatura popular, na maioria oral, que alguns autores retomam em suas obras, como Guimarães Rosa; assim também há uma mescla nas apropriações tanto de alguns autores quanto produções de cordel e repentistas.

Os capítulos subsequentes “Cartas de amor são ridículas”, “Páginas impudicas” e “Leitora: substantivo feminino, singular” abordam desde a importância da leitura da carta que se

modificou de uma leitura coletiva, para muitos, até uma leitura individual, ao qual é atribuído uma forte marca feminina; passando pela “leitura feminina”, seus aspectos históricos e culturais até chegar a busca da compreensão da identidade da leitora. Neste último capítulo citado, cabe ressaltar que a leitura está presente na construção de um novo papel social da mulher.

Já chegando ao final do trajeto, faltando apenas três paradas, o capítulo 8 revela a preocupação com a leitura na escola, voltando-se para a formação do leitor. Mas aponta um problema em relação ao incentivo da leitura, tanto pelos programas nacionais como pela mídia, como alvo de intenções voltadas excessivamente ao consumo, a venda de mais um produto. Esse capítulo recebe o nome de “Campanhas, instituições, eventos”.

Ainda referindo-se a campanhas, voltam-se ao suporte jornal, no capítulo subsequente, “A intermediação do jornal”, no qual algumas campanhas publicitárias podem dar certo quando os livros tornam-se agregadores de qualidade a outros produtos ou quando eventos são divulgados de maneira festiva, mas atribuindo ao discurso jornalístico uma posição de aliado na função de educar e aprimorar o gosto pela leitura.

Na última parada, retomando essa função de educar, apresentam o último capítulo, “A letra da lei no Livro dos livros”, no qual citam a Bíblia como o livro mais vendido no mundo, algumas passagens importantes do uso da

linguagem, tanto exemplos da oralidade, como ‘a Torre de Babel’, como também da escrita, que é justamente a passagem de Moisés e os mandamentos, documento fundador de religiões.

A relação que as autoras estabelecem neste último capítulo é a possibilidade de transformações que a escrita e a oralidade podem sofrer, e o quanto a leitura é importante para constituir os sentidos de ambas. “Algo em comum (descontinuidades, instabilidades e hermenêuticas que atravessam e acompanham o discurso bíblico (...) tem algo em comum com o hipertexto contemporâneo.)” (p.168).

O itinerário é concluído e dá possibilidades para que outros percursos sejam explorados, oferecendo caminhos de reflexões e estudos, não apenas para profissionais e pesquisadores das áreas de Educação ou de Letras, mas para todos que têm a intenção de conhecer informações importantes sobre os modos de ler através da história, descritos de maneira objetiva e analítica.

As autoras possibilitam ao leitor uma inserção num grande espaço de tempo através de uma linguagem contemporânea, mesmo recorrendo a exemplos e fatos antigos para sustentar os seus apontamentos sobre as práticas de leitura, relacionando-os aos exemplos mais atuais provenientes das facilidades da informática presentes cada vez mais na vida de qualquer pessoa, elementos que tornam a obra uma excelente noção de retomada histórica sobre as práticas de leitura.

---

\* MICHELLE MITTELSTEDT DEVIDES é Mestranda em Educação na UNESP/Rio Claro.